

COMO PEIXE NA ÁGUA

Luís Soares é um moçambicano de trinta e oito anos, ruivo como Van Gogh, lúcido como Séneca, prolífico como Picasso e desembaraçado como Leonardo que, transplantado para Cascais, sonha com a sua pátria do sudeste de África e com as urbes babilónicas da arte, para onde viaja de vez em quando. Mas, de momento, não é a sua biografia que nos interessa, mas sim o que faz, o que está aqui, à vista de todos. Quando o conhecemos a sua versatilidade artística deixa de nos admirar. Em matéria de artes plásticas não há nada que não saiba fazer, embora esta opinião nos faça pensar num trabalho artesanal, para o qual tem capacidade mas transcendendo-o, como bom artista que é. Das três funções de estrutura da arte, fazer - expressar - simbolizar, Soares exerce a primeira admiravelmente. Afinal de contas, vive numa época em que o gestualismo, o concretismo e o happening têm feito compreender que a verdade que alumia a arte é o facto de a fazer. É por isso que se entrega aos seus desenhos, pinturas, esculturas e cerâmicas, como se todos fossem a mesma coisa - como o são realmente - mas com um conhecimento do unívoco e singular de cada linguagem. Assim como traça linhas, tão enérgicas que se transformam em incisões ou relevos, e tão suaves como uma teoria musical e rítmica, fazendo deslizar o braço, a mão, com rapidez, com gestos hábeis, sem fazer da sua arte uma action painting. Naquilo a que os escolásticos chamavam *abundantia cordis* e numa vivíssima sensibilidade é que Luís Soares molha os seus pincéis. As superfícies balizadas pelas linhas simbolizam, por causa da sua grande tendência pelas formas arredondadas, um universo predominantemente feminino: na cerâmica, devido aos seus volumes de geratriz esférica ou cilíndrica; nas estruturas planas, porquanto as suas figuras esquematizadas: circunferências e círculos secantes e excêntricos, rostos com grandes olhos.

É frequente apontar-se na obra de Luís Soares um certo primitivismo que, pessoalmente, estou longe de reconhecer; o que ele mostra não é uma espontaneidade selvagem, mas sim uma expressão fluída da sua atitude vital extrovertida, o que não tem impedido a sedimentação de reflexões culturais de índoles diversas.

Perante o "simulacro" da realidade ou da abstracção, Soares sem abstrusas investigações, sem fingimentos nem retóricas, sem angústia nem

sofrimento, incorpora-se no impetuoso discurso da arte actual transformando em sinais aquilo a que poderíamos chamar “pensamentos plásticos”, compondo assim as suas obras com aquele lirismo automático que o caracteriza.

Há, em todas as manifestações de Soares, um culto a Vénus, uma dimensão humana e oceânica habitada por criaturas femininas, um mundo de figuras enamoradas, um dealbar de maternidades e ninfas; um recinto sem atmosfera, um espaço submarino. Não é por acaso que o seu símbolo emblemático mais frequente é o peixe eriçado de picos, de uma arcaica espécie que apenas existe no nostálgico aquário de Soares. A execução rápida das suas obras leva-o a lançar de toda a espécie de materiais. Escolhe, de preferência, as técnicas cuja execução é rápida - óleos, aguarelas, têmperas - com suportes que dispensam toda a preparação: papéis de fabricação manual, por exemplo, embora não despreze qualquer outra experiência. Este comportamento vai encontrar-se também na escultura, onde a presença mais abundante da matéria dificulta ainda mais a espiritualização da linguagem. Aqui comportasse ele de maneira mais primitiva e paradoxal. Modela com abrasivos ou instrumentos cortantes - e a sua característica rapidez - um bloco de espuma rígida de poliuretano que é, depois, moldado em bronze. O resultado é uma estranha mescla do tosco e do requintado numa figura antropomórfica e totémica.

Na cerâmica, onde faz igualmente pratos ou recipientes, bem como pinta painéis sobre azulejo, o seu trabalho não tem sido apenas formal nem superficial; tem investigado componentes, fórmulas e técnicas até obter uns produtos característicos cujo único defeito poderia ser o risco de um maneirismo próprio.

O que expressa com esta ou aquela linguagem, com uma ou outra técnica, é o diálogo com as forças elementares, o que não quer dizer que seja primário e muito menos ingénuo. Creio que este é o significado do que ele faz. O motivo porque o faz saberá o espectador descobri-lo ao contemplar a sua obra, visto que a obra de arte, como exige Milton C. Nham, é um acontecimento que une o artista e o observador num mesmo acto criativo.

EDUARDO MARCO SAMPER

(Associação Internacional de Críticos de Arte)

AS A FISH IN THE WATER

Luís Soares, a Mozambican, thirty five years old, as red-haired as Van Gogh, as bright as Seneca, as prolific as Picasso, as easy as Leonardo, was transplanted to Cascais and there he dreams of his Southeast Africa's home and the Babylonian townarts to which he goes every now and then. But, at this moment, we are not interested in Soares' biography; only in his deeds - in what is here, before all of us. When you know Luís Soares, you stand in wonder before his artistic mansidedness. In the plastic arts there is nothing he is not versed in, however such a phrase leads you to think about a workmanship for which he has the talents, although excelling them, as the fine artist he is.

Of the art structure's three functions - to make - to express - to symbolise - Soares carries out astonishingly the first. After all, he lives in a time where in the "gestura-lism", the "concretism" and the happening makes you understand that the truth enlightening the art is the fact that you make it. Through this conclusion Soares applies himself to his drawings, paintings, sculptures and ceramics, as if all of them would be the same thing - as they, actually, do - but knowing very well each language's univocality and individuality. His lines are so strenuous that they will change into incisions or reliefs. As soft as a musical and rhythmical theory, his arm, his hand, slide with quickness, but never converting his art into one "action painting".

Luís Soares moistens his brushes with what the scholastics would call "abundantia cordis" and with a very lively sensitiveness.

The surfaces limited by lines - because his remarkable propensity to roundish shapes - symbolize a prevailingly womanly universe: in ceramics because of his volumes of spherical or cylindrical generatrix; in planes structures because of his schematic figures: circumferences, secant and eccentric circles, faces with great eyes.

It is a commonplace to say about Luís Soares' works that they would show a certain primitivness. I do not personally recognise this - I presume they don't show a rough spontaneity but a fluid expression of his vital extroverted attitude, what has not hindered the cultural reflexions' sedimentation revealing different propensities.

Before reality's or abstraction's "simulacrum", Soares, without abstruse researches, without simulations or flowery styles, without anguishes or

pains, puts himself in the actual art's vehement discourse changing into signs what you could name "plastic concepts", putting together his works, with that self-acting lyricism that distinguishes him.

All Soares' artistic creations reveal a Venus' worship, a human and oceanic dimension populated by womanly creatures, a world of infatuated beings, a rise of motherhood and nymphes; an enclosed space without atmosphere, an undersea room. It is not perchance that Soares' more frequent emblematical symbol is a spinescent fish of an antique kind, only existing in his nostalgic aquarium.

His work's quick accomplishment leads him to use all the possible materials. He prefers the more rapid techniques - oils, water-colours, temperas - with mediums/holders that do not need a lot of preparation: handmade papers, for instance, though he does not reject any other experiences. You will also come across this same attitude in sculpture, where the heavier matter's presence renders still more difficult the language's spiritualization. In this field, Soares behaves in a more simple and paradoxical way. He models, with abrasives or sharp-edged implements - let alone his typical quickness - a block of stiff polyurethane, afterwards transmuted in bronze. The issue is an alien mixture of roughness and refinedness in a anthropomorphical and totemic figure.

In ceramics, where he also makes plates and pots, as well as painted glazed tiles, his work has been neither formal nor superficial; he has searched for constituents, formulas and techniques, till achieving some peculiar outputs in which the unique "vice" would be a individual mannerism's danger.

What he establishes, with this or that language, with one or another technique, is the dialogue with the elementary forces; but this does not mean that Soares is limited or, even less, ingenuous. I think it is the meaning of Soares's work. The onlooker will realize the artists intention because the artwork, such as Milton C. Nham claims, is an event that joins artist and watcher in the same creative doing.

EDUARDO MARCO SAMPER

COMO EL PEZ EN EL AGUA

Luis Soares es un mozambiqueno de treinta y cinco años, peli-rojo como Van Gogh, lúcido como Séneca, prolífico como Picasso y abierto como Leonardo, que trasplantado a Cascais suena con su cuna centroafricana y con las urbes babilónicas del arte, a las que viaja de vez en cuando. Pero no importa, de momento, su biografía, sino lo que hace, que está aquí, a la vista de ustedes. Cuando se le conoce deja de sorprender su versatilidad artística. En materia de artes plásticas sabe hacerlo todo, aun, esta afirmación induzca a la idea de un trabajo artesanal, para el que posee capacidad, pero lo trasciende, como buen artista.

De las tres funciones de la estructura del arte, hacer-expre sar-simbolizar, Soares ejerce esplendidamente la primera. Al fin y al cabo vive en un tiempo en que el arte gestual, el obje-tual y el happening han hecho comprender que la verdad que alumbra el arte es la de hacerlo. Por esta razón se entrega a sus dibujo@ pinturas, esculturas y cerâmicas, como si todo fuera la misma cosa, como realmente son, pero con pleno conocimiento de lo unív(co y singular de cada lenguaje. Así es como traza líneas, tan enérgicas que se convierten en incisiones o relieves, y tan suaves, como una teoría musical y rítmica, deslizándose el brazo, la mano, rápidamente, con diestros ademanes, sin hacer que la suya sea la action painting. En aquello que los escolásticos llamaban abundancia cordis y en una vivísima sensibilidad es en lo que moja sus pinceles Luis Soares.

Las superficies acotadas por las líneas plasman, por su gran amor a las formas redondas, un universo predominantemente femenino: en la cerâmica, por sus volúmenes de generatriz esférica o cilíndrica; en la plástica plana, por sus esquematizadas figuras: circunferências y círculos secantes y excêntricos, rostros de grandes ojos.

Es frecuente que se señale en la obra de Luis Soares un cierto primitivismo que yo estoy lejos de reconocer como tal, porque lo que muestra no es una espontaneidad salvaje, sino una fluida expresión de su postura vital extrovertida. que no ha impedido la sedimentación de reflexiones culturales de diversa índole.

Frente al "simulacro" de la realidad o de la abstracción, Soares., sin abtrusas investigaciones, sin fingimientos ni retóri-ca, sin angustia ni sufrimiento, se incorpora al impetuoso decurso del arte actual transformando en signos lo

que pudiéramos llamar "pensamientos plásticos" para componer sus obras con el automático lirismo que le caracteriza.

Hay, en todas las manifestaciones de Soares, un culto a Venus, una dimensión humana y oceánica habitada por criaturas femeninas, un mundo de figuras enamoradas, maternidades o ninfas nacientes; un ámbito sin atmósfera, un espacio submarino. No por azar el símbolo emblemático más frecuente es el pez erizo de una arcaica especie que sólo existe en el acuario nostálgico de Soares.

La ejecución rápida de sus obras le lleva a utilizar toda clase de materiales. Elige con preferencia las técnicas de ejecución rápida -tintas, acuarelas, temple- con soportes que no necesitan ninguna preparación: papeles de fabricación manual, aunque no desdén ningún otro experimento. Este comportamiento se produce también ante la escultura, donde la mayor presencia de la materia dificulta aún más la espiritualización del lenguaje. Aquí, su conducta es más primitiva y paradójica. Modela con abrasivos o herramientas cortantes -con su característica rapidez- un bloque de espuma rígida de poliuretano que vacía después en bronce. El resultado es una extraña mezcla de lo tosco y lo exquisito en una antropomórfica y totémica figura.

En la cerámica, con la que igualmente tornea platos o vasijas como pinta murales sobre azulejo, su trabajo no ha sido meramente formal ni superficial, sino que ha investigado componentes, formas y técnicas hasta conseguir unos objetos característicos cuyo único defecto podría ser el riesgo de manierismo propio.

Lo que expresa con un lenguaje u otro, con una u otra técnica, es el diálogo con las fuerzas elementales, lo que no quiere decir que sea primario, sino sencillo. Creo que este es el significado de lo que hace. Por qué lo hace es lo que el espectador sabrá descubrir en la contemplación de su obra, pues la obra de arte, como exige Milton C. Nham, es un acontecimiento que une al artista y al contemplador en un mismo hecho creador.

EDUARDO MARCO SAMPER

De la Asociación Española de Críticos

de Arte (A.E.C.A.)

WIE EIN FISCH IM WASSER

Luís Soares ist ein einundvierzigjähriger Mosambikaner, rothaarig wie Van Gogh, intelligent wie Seneca, fruchtbar wie Picasso und feink wie Leonardo, der - nach Cascais verpflanzt - von seiner Heimat im Südosten Afrikas und den babylonischen Weltstädten der Kunst, die er manchmal bereist, träumt. Aber es ist nicht seine Biographie, die uns im Augenblick interessiert, sondern das, was er macht, was für uns alle hier sichtbar ist. Wenn wir ihn näher kennenlernen, erstaunt uns seine künstlerische Vielseitigkeit nicht mehr. In Sachen darstellende Kunst gibt es nichts, das er nicht zu tun wüßte, obwohl uns eine solche Meinung eher an handwerkliche Arbeit denken läßt, zu der er zwar fähig ist, die er als guter Künstler jedoch übertrifft. Von den drei Funktionen, die die Struktur der Kunst ausmachen, nämlich gestalten - ausdrücken - symbolisieren, beherrscht Soares die erste in bewundernswerter Weise. Letztendlich lebt er in einer Zeit, in der Begriffe wie Gesturalismus, Konkretismus und "happening" verständlich machten, daß die Wahrheit, welche die Kunst erleuchtet, die Tatsache ist, sie zu tun. Deshalb widmet er sich seinen Zeichnungen, Gemälden, Skulpturen und Keramiken, als ob alles dasselbe wäre - was sie in Wirklichkeit sind -, aber im Bewußtsein der Eindeutigkeit und Einzigartigkeit der jeweiligen Sprache. Ebenso energisch wie er seine Linien zieht, derart, daß sie sich in Einschnitte oder Reliefs verwandeln, so sanft wie eine musikalische und rhythmische Theorie, läßt er seinen Arm, seine Hand, mit Schnelligkeit und gewandten Gesten gleiten, ohne aus seiner Kunst action painting zu machen. Luís Soares tränkt seine Pinsel in dem, was die Scholastiker *abundantia cordis* nannten, und in einer sehr lebhaften Sensibilität. Seine durch Linien abgegrenzten Oberflächen symbolisieren ein überwiegend weibliches Universum, wegen seiner herausragenden Neigung zu gerundeten Formen: in der Keramik sind dies seine kugelförmigen oder zylindrischen Werke, auf flacher Vorlage die schematisierten Figuren: volle, geschnittene und exzentrische Kreise, Gesichter mit groben Augen.

Dem Werk von Luís Soares wird häufig ein gewisser Primitivismus zugeschrieben, den ich persönlich jedoch nicht erkenne; was er zeigt, ist nicht wilde Spontaneität, sondern ein Ausdruck, der seiner extrovertierten Lebensauffassung entspringt, was jedoch nicht die Ablagerung von kulturellen Betrachtungen verschiedener Prägung verhindert hat.

Vor dem "Trugbild" der Realität oder der Abstraktion nimmt Soares ohne abstruse Untersuchungen, ohne Falschheit und Rhetorik, ohne Beklemmung und Schmerz an dem heftigen Diskurs der gegenwärtigen Kunst teil und verwandelt das, was wir "plastische Gedanken" nennen, in Zeichen, um so seine Werke mit jenem automatischen Lyrismus, der ihn charakterisiert, zu prägen.

In allen Werken von Soares existiert ein Kult an die Göttin Venus, eine menschliche und ozeanische Dimension, bevölkert von weiblichen Geschöpfen, eine Welt von verliebten Gestalten, ein Erglänzen von Mutterschaften und Nymphen; ein Bereich ohne Atmosphäre, ein unterseeischer Raum. Es ist nicht von ungefähr, daß sein häufigstes emblematisches Symbol ein mit Stacheln besetzter Fisch ist, einer Spezies zugehörend, die nur im nostalgischen Aquarium von Soares existiert. Die rasche Ausführung seiner Werke führt ihn dazu, sich in allen möglichen Materialien zu versuchen. Er wählt mit Vorliebe jene Techniken, die schnell in ihrer Ausführung sind (Öl-, Aquarell- und Temperafarben), sowie Träger, die Venerei Vorbereitung bedürfen, wie zum Beispiel handgefertigtes Papier, obwohl er andere Erfahrungen durchaus nicht verachtet. Dieses Verhalten finden wir auch in der Bildhauerei, wo die reiche Auswahl an Materialien die Vergeistigung der Sprache noch mehr erschwert. Hier verhält er sich am primitivsten und paradoxesten: mit seiner charakteristischen Gewandtheit modelliert er einen Hartschaumblock aus Polyurethan mit Schleifmitteln oder schneidenden Instrumenten, um ihn dann später in Bronze zu gießen. Das Ergebnis ist eine seltsame Mischung aus Ungeschlachtheit und Raffinesse in einer anthropomorphen, totemischen Gestalt.

In der Keramik, wo er auch Teller oder Gefäße gestaltet und Gemälde auf Kacheln malt, war seine Arbeit bisher weder formal noch oberflächlich; er hat Bestandteile, Formeln und Techniken studiert, bis er zu charakteristischen Produkten gelang, deren einziger Schwachpunkt das Risiko eines eigenen Manierismus sein könnte.

Was Soares mit dieser oder jener Sprache, mit dieser oder jener Technik ausdrückt, ist der Dialog mit den Elementarkräften; das soll jedoch nicht heißen, er wäre etwas primitiv und noch weniger, er wäre naiv. Ich denke, daß dies die Bedeutung dessen ist, was er tut. Den Grund, weshalb er es tut, möge der Betrachter beim Anschauen seiner Werke entdecken, zumal

ein Kunstwerk - in der Auffassung von Milton C. Nham - ein Ereignis ist, das den Künstler und den Betrachter in demselben kreativen Akt vereint.

EDUARDO MARCO SAMPER

(Internationale Vereinigung der Kunstkritiker)

Madrid, Septiembre 1987.